

**UNIVERSIDADE DO MINHO**  
**- Mestrados em Ensino 2013/2014 -**  
**Prova Escrita de Língua Portuguesa**

**11 de setembro de 2013**

**Duração: 90 minutos**  
**Tolerância: 15 minutos**

**Leia com atenção todas as questões antes de responder.**

**Parte I**

Texto

**Título**

**Três Amigos**

Não há ofício mais lindo que o de jardineiro. O contacto diário com flores afina a sensibilidade, o gosto. O exercício suave, a luz do sol matutino e a sombra fresca ao pino do meio-dia retemperam o corpo. Adelgaçam-no, tonificam-no e revestem-lhe a pele de um doirado velho, que não só parece como cheira bem. Ser jardineiro é votar à terra e ao ar livre, como geradores de belezas múltiplas e variadas, um amor de raiz. O jardineiro é o único agricultor que ama a terra. Qualquer outro que nela esgaravate derreado, mal alimentado, pessimamente vestido, para auferir do trabalho bruto contra o cascalho uma côdea de centeio ou de milho, olha para a terra com desdém, se é que a não odeia. O jardineiro é o cavador estilizado em príncipe do feno.

Florêncio, com as mãos curvas da monda e da rega, do sacho e da podoa, olhos de ouro quietos, mas compreendedores, busto direito e andaina asseada, era o jardineiro de uma senhora antiga a quem o povo chamava Comendadora, por ser viúva de um comendador do tempo da Monarquia.

Florêncio tinha sessenta anos, o cabelo todo branco e tosquiado curto, a pele morena, acobreada, tostada, e os dentes todos – perfilados como duas carreiras de soldados de marfim à sombra de um bigode grosso e de um debrum de beijo ainda róseo.

A senhora tinha oitenta anos – mais vinte do que o jardineiro. Apoiava a mão direita numa bengalinha e segurava com a outra o pé de uma luneta. Caminhava entre os canteiros ereta, mas trémula e, como era esguia, projetava no saibro dos arruamentos a sombra de uma fina vergõntea sacudida pelo ar primaveril. Usava em redor dos punhos uma renda estreita franzida, ingénua como o sorriso de uma criancinha.

Logo de manhã cedo, a Comendadora entrava no jardim.

Primeiro, ia ver os cães, a quem chamava amores. Depois fazia esvoaçar as pombas ou as atraía com um punhado de milho. Em seguida, reverenciava o relógio de sol, cuja inocente caraça a fazia sorrir. E, só no fim, passo e passo, é que visitava as flores.

Tinha-as de todas as qualidades, desde as perpétuas até os crocos mais raros – aqueles que os catálogos não inseriam.

Diante das flores, à primeira inspeção, punha a luneta – como se quisesse impor respeito, com um obstáculo de vidro, a umas corolas que já a esperavam e se dispunham a olhar para ela com naturalidade. Deixava cair a luneta, espetava o conto da bengala na terra do canteiro e dava os bons-dias aos amores-perfeitos, às azáleas, às fúcias, a quantas expressões florís via desabrochadas, à luz da manhã, no seu pequeno éden.

Retomava a bengala, empunhava a luneta e dirigia-se ao jardineiro. Mirava-o através dos vidros como às flores e apoiava com força a mão senil no punho da bengala. Engrossava a voz no canal ressequido da garganta para interpelar o homem com autoridade.

O homem incorporava-se, tirava o sombreiro e aguardava ordem ou censura sem receio.

Em menos de um minuto, no canal ressequido da garganta, abemolava-se a vizinha da Comendadora para conversar à boa paz com o Florêncio. Que confiança! Que coisas que ele lhe dizia!

- Tanto faz eu ralhar-lhe como coisíssima nenhuma! A esta hora já de alevantar! Depois, lá está o *bronquite* à espera da senhora. Guarda-sol, para quê? O guarda-sol é esse binóculo com que se põe a olhar para uma pessoa como se nunca nos tivesse visto. Agora, senhora, vá por aí adiante, sente-se um bocadinho debaixo do chorão, que já aperta o calor, mas tenha cautela que não vá por aí molhar os pés. Tanto faz eu ralhar como nada!

- Queres-me governar? Pensas que sou alguma criancinha? Com mais vinte anos do que tu, podia ser tua mãe. Já viste como floriu este ano a magnólia?

- Dei conta da flor há oito dias, mas calei-me muito calado a ver se a senhora a descobria . . .

- Linda!

Com a luneta outra vez em niste, a bengala oscilante, o pé minúsculo, a velhinha ia-se afastando . . .

No dia em que a velhinha, com aflições no peito, deixou de visitar o jardim pela primeira vez na vida de viúva, o jardineiro, a modo de dizer, não trabalhou. Ainda pegou no sacho, ainda mexeu na terra, a espontar alguns arbustos, mas, esfalfado, como se tivesse trabalhado muito, sentou-se a descansar no banco predileto da senhora, à sombra do chorão.

Entalou a cabeça entre as mãos calosas e inclinou o tronco sobre os joelhos. Minutos depois, soergueu o tronco, raspou as mãos uma na outra e fitou o relógio de sol como se quisesse obrigá-lo a ser testemunha de um pensamento.

- Em ela morrendo, tudo findou. Adeus, cães, adeus, pombas e adeus, flores! Vou-me e não pego mais em sacho nem sachola. Nem que me paguem uma libra por dia! A minha ama é a única que entende de flores, de pombas e de cães. Com ela me entendo, não quero conhecer outra cara a passear nos canteiros. Em casa me darão, no resto da vida, uma tigela de caldo.

A Comendadora, aos três dias de doença, faleceu. Esgotou-lhe a energia uma longa tremura do corpo transparente e uma espécie de nó estrangulado no coração. Findo o enterro, o jardineiro despediu-se da casa, do jardim e da família da falecida – filhos e genros que vieram de Lisboa apoderar-se do espólio.

- Porque não ficas? Gostaríamos de te ver aqui, entre as flores que a Mamã adorava. Seria uma relíquia, uma lembrança do tempo da Mamã. Fica!

- Não fico. Peço perdão, mas, não fico. Fiz uma jura de nunca mais mexer na terra do jardim desde o momento em que fechasse os olhos a Comendadora.

- Como quiseses . . .

Levou a sua avante. Cumpriu a jura. Nunca mais mexeu na terra do jardim.

A casa, abandonada durante o ano, só se abre em agosto para receber os donos, que, apenas a arejam, regressam a Lisboa.

O jardim está a monte. É um matagal. Não tem jardineiro. Florêncio continua hirto na sua jura. Espera que a morte o leve. Diz que a senhora, o jardim e ele eram amigos do coração. Só podiam viver juntos. Desde que a morte levou a senhora, morreu o jardim e morrerá o jardineiro. Amigos inseparáveis . . .

(João de Araújo Correia, *Cinza do Lar*,  
«Três Amigos», texto adaptado, 1970)

Depois de ler atentamente este texto adaptado da autoria de João de Araújo Correia, «Três Amigos», responda às questões que se seguem, de acordo com as orientações que lhe são dadas. Use a folha de respostas.

1. Dê um subtítulo ao texto que acaba de ler, sem repetir qualquer palavra já enunciada no título original.
2. Na linha 7 é afirmado: «O jardineiro é o cavador estilizado em príncipe do feno.» Esclareça, do seu ponto de vista, o sentido destas palavras.
3. Descreva, em pomenor, com base no texto, o jardim da Comendadora.

4. Apoiando-se no texto, apresente as razões da recusa de Florêncio permanecer como jardineiro da família após a morte da Comendadora.
5. Imagine que Florêncio teria dado outra resposta aos herdeiros da Comendadora, após a sua morte. Não ultrapasse as 15 (quinze) linhas.
6. Explícite o significado da frase que se encontra no fim deste texto (linha 66): «[Florêncio] diz que a senhora, o jardim e ele eram amigos do coração.»

## Parte II

Num texto bem estruturado, com um mínimo de 20 (vinte) e um máximo de 50 (cinquenta) linhas, apresente uma reflexão sobre o tema que é referido no excerto a seguir transcrito. Para fundamentar o seu ponto de vista, recorra, no mínimo, a dois argumentos, ilustrando cada um deles com, pelo menos, um exemplo.

«Representavam os antigos, o Tempo por um velhote de barba branca ... O *Tempo* era um jornal de José Dias Ferreira, e *Tempo* se chama um jornal inglês de que os ingleses dizem que é o maior do mundo. (...)

Mas do Tempo diz o Padre António Vieira que «tudo cura, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba». Não há soberano que tanto poder tenha como ele. A própria Morte é da sua corte e sua subalterna. «Nada se faz sem tempo», diz-se. Tudo o tempo acaba, direi. Assim, temos que o tempo faz e desfaz, cria e destrói, forma e arruína. As fortunas gastam-se, a formosura envelhece, a sorte muda, os anos passam, os dias voam e a morte chega. As flores murcham, as ilusões caem, as esperanças dissipam-se, os amores esquecem e de tudo só ficou o Tempo, sombra de tempo, memória de tempo, que até a própria memória o tempo apaga e confunde.»

Albino Forjaz de Sampaio, «O Tempo» (excerto adaptado),  
*Crónicas Imorais*, 1935, pp. 193-194

## Cotação

Parte I \_\_\_\_\_ 10 valores

Parte II \_\_\_\_\_ 10 valores